

O visível e o invisível: a relação de pessoas cegas com expressão da arte

The visible and the invisible: the relationship of blind people with expressions of art

Sandra Simone Moraes de Araújo

Universidade de Pernambuco

Upatininga, PE, Brasil

sandrasimonema@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7923-2194>

Recebido em: 5 de setembro de 2023

Aceito em: 5 de outubro de 2023

Resumo

Artes plásticas, fotografia, teatro e dança são algumas expressões evidenciadas nos itinerários invisíveis e visíveis revelados nas narrativas de pessoas cegas. Esses itinerários são construídos pelos sentidos, pela imaginação, pela memória e pelos significados, os quais se cruzam e se misturam e mostram as ideias sobre as artes visuais, apresentando as interpretações e as maneiras de agir das pessoas com deficiência visual em museus e oficinas de arte, locais onde tradicionalmente a comunicação ocorre por meio da primazia do sentido da visão. Os relatos dos interlocutores da pesquisa nos levam a compreender que os olhos das pessoas cegas são áreas de silêncio, por isso a capacidade de ver não se encontra no órgão da visão, mas nos demais sentidos do corpo que os informa sobre as coisas e os seres numa interface com a linguagem e assim constroem a estética do mundo. Palavras-chave: Cego, Deficiência Visual, Arte, Fotografia

Abstract

Visual arts, photography, theater, and dance are some of the expressions highlighted in the invisible and visible itineraries revealed in the narratives of blind individuals. These pathways built up through the senses, imagination, memory, and meanings, which intersect and blend, showcasing ideas about visual arts and presenting the interpretations and ways of acting of people with visual impairments in museums and art workshops—places where communication traditionally relies on the background of the sense of sight. The reports from the research participants lead us to understand that the eyes of blind people are areas of silence. As a result, there is not relation between the ability to see and the sight, but in the other senses of the body that inform them about things and beings through an interface with language, thus constructing the aesthetics of the world.

Keywords: Blind, Visual Impairment, Art, Photography

Sentir com os sentidos - introdução

Parece-me que há em cada um de nós a capacidade de compreender impressões e emoções sentidas pela humanidade desde o início. Cada indivíduo tem uma memória subconsciente da terra verde e das águas murmurantes, e a cegueira e a surdez não consegue roubar esse dom das gerações passadas. Essa capacidade herdada é uma espécie de sexto sentido – uma noção de alma que vê, ouve e sente, em conjunto.

Hellen Keller

Recentemente visitei uma exposição de arte, cujas esculturas eram infláveis. Confeccionadas de papel de seda, em diversos tamanhos e formas, com uma belíssima vibração de cores. Essas esculturas encantaram os meus olhos, por vários minutos fiquei contemplando-as, ao mesmo tempo em que tinha que manter o controle das mãos, porque elas desejavam tocar, sentir a maciez do papel e o movimento do ar que soprava para dentro daquelas formas.

Geralmente quando frequento uma exposição de arte tenho sempre essa mesma frustração diante dos objetos. Eles convidam ao toque, mas, na maioria das vezes, é proibido. Olhar não basta, os outros sentidos atormentam-me, perturbam-me, pois também querem integrar a contemplação do sensível e do tangível. Quem me dera poder um dia chegar numa pinacoteca e poder sentir a textura das pinceladas de uma pintura, ao mesmo tempo em que o olhar percorre toda obra.

No século XVI, Leonardo da Vinci considerou o olho como a janela da alma que abraça a beleza do mundo. Não quero tirar o mérito dessa bela poesia, mas apenas ressaltar que os outros sentidos também são janelas da alma porque a beleza do mundo não se encontra apenas nas imagens, não diz respeito unicamente às coisas visíveis, mas também ao invisível que se revela no som, no paladar, no cheiro, no movimento, no sentir a proximidade do frio e do quente e nas texturas e formas das coisas.

Pensar sobre essas sensações é recordar a definição da palavra *aisthesis*: “veio do verbo *aisthanomai*, que quer dizer sentir. *Aisthesis* não se refere a um sentir afetivo, emocional, mas um sentir com os sentidos, uma confluência de percepções físicas simultâneas” (Duarte, 2008:4).

Maria Beatriz Medeiros, espelhando-se nas ideias de Dufrenne, compreende que a *aisthesis* “envolve todo o corpo no sentir que se dá por todos os poros, mas também pelo ouvido, pelo tato [...] inclusive, em degustar uma paisagem, para aí sentir prazer. [...] mas também todos e inteiros para sentir desprazer” (Medeiros, 2005:38). O prazer e

o desprazer relacionam-se ao gosto que é variante, difere nos indivíduos, é algo subjetivo, mas que encontra sua concretude nos modelos culturais, pois a concepção do belo e do feio não é também uma travessura da cultura que se reinventa e permanece através do tempo e do espaço?

Segundo Umberto Eco (2004), a beleza não é algo imutável, nem absoluta, ela se modifica no tempo e no espaço. Em cada momento da história é forjado um repertório de noções sobre o feio e o belo, mas essas diferentes concepções podem acontecer numa mesma cultura. No ocidente, por exemplo, os antigos gregos conceberam suas concepções sobre o feio e o belo; do mesmo modo, fizeram os escolásticos, os renascentistas, os modernos e os pós-modernos.

Se acaso o leitor fosse buscar o significado da palavra belo no *Dicionário Houaiss*¹ da língua portuguesa iria encontrar: “formas e proporções harmônicas; bonito; que produz uma viva impressão de deleite e admiração; de elevado valor moral; que revela bondade; generoso; em que há felicidade; venturos”. Do mesmo modo, sobre o feio leria: “desprovido de beleza, de aparência desagradável, vil, desonesto, vergonhoso, torpe, comportamento desabonador.”

Entretanto essa antítese não se encerra em si mesma, isto porque a opinião sobre o que é feio ou belo é variante, depende do observador, da sensação que provoca nos indivíduos e das concepções construídas nas culturas. Uma máscara, por exemplo, confeccionada em tempos remotos por um povo oriental, talvez “aos olhos de um ocidental contemporâneo, [...] parece representar seres horríveis e disformes, enquanto para os nativos podem ou podiam ser representações de valores positivos” (Eco, 2004:131).

De acordo com Umberto Eco, “o objeto do belo é um objeto que, em virtude de sua forma, deleita os sentidos, e entre esses em particular o olhar e a audição” (Eco, 2004:41); geralmente os demais sentidos do corpo não são chamados a contemplar nem definir o que é feio ou bonito. Essa noção é uma construção histórica, que nós, os normovisuais, nos acostumamos a repetir, sem perceber que existem outras maneiras de definir e contemplar a beleza e a feiura das coisas. Para Helen Keller, que é cega e surda

¹ Dicionário digital.

desde a mais tenra infância, é pela imaginação e pelos sentidos remanescentes que entra em contato com a paisagem e com as coisas mundo:

Que alegria é sentir a terra macia e primaveril sob os meus pés [...]. É verdade que não posso ver a lua escalar o céu, por trás dos pinheiros e navegar suavemente pelo firmamento, [...], mas sei que ela está lá, e enquanto fico deitada e ponho minha mão na água, fantasio que sinto o bruxulear de suas vestes quando ela passa. [...] com o pequeno ouvido do amor escutei a seiva fluir do carvalho e vi o sol cintilar de folha em folha. De modo que [...] testemunho coisas invisíveis (Keller, 2008:114, 118).

O olho vê a paisagem e os demais sentidos do corpo percebem a presença dos elementos que estão invisíveis, isto porque, como diz Bachelard, a matéria não é compreendida em sua plenitude pela visão, os outros sentidos também participam da contemplação e do aprendizado, e junto à imaginação atribui conceitos e significados aos sentimentos. Para esse autor, “as forças imaginantes da nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes. Uma encontram impulsos na novidade [...] as outras escavam o fundo do ser” [...] (Bachelard, 1997:01). O encontro dessas duas forças potencializa a tensão entre o prazer e o desprazer, do belo e do feio, do bem e do mal; o indivíduo usando os sentidos do corpo que lhes são disponíveis experimenta as coisas do mundo e constrói as suas preferências. Assim, de acordo com Marco Queiroz, a beleza “tá na audição, tá no tato, tá no paladar, tá no cheiro. Eu conheço a minha esposa, e conheci mulheres na minha vida depois de cego, através do cheiro, do tato, e isso é beleza pra mim” (Queiroz, 2010).

Essas sensações de caráter subjetivo, individual e coletivo são construídas no entrecruzamento entre o aparato biológico e o cultural. A contemplação é crivada neste entrelaçamento, na medida em que diz respeito aos órgãos dos sentidos. Todo ser vivo tem uma estrutura inicial e as interações com o meio onde vive possibilitam modificações nessa estrutura, ao mesmo tempo o ambiente também sofre transformações. Entre o ser e o lugar, há uma “compatibilidade ou comensurabilidade. Enquanto existir essa comensurabilidade, meio e unidade atuarão como fontes de perturbações mútuas e desencadearão mutuamente mudanças de estado”. (Maturana; Varela, 2001:112).

Nesse movimento de transformação recíproca entre o indivíduo e o meio, surgem mecanismos de aprendizagens diferenciadas; e é sobre estes mecanismos de percepção do mundo visual pelas pessoas cegas, que este artigo busca refletir, o seu conteúdo é um recorte de uma pesquisa que buscou compreender a relação entre o

imaginário e a cegueira a partir da prática cotidiana de pessoas com deficiência visual na cidade do Recife. Este texto faz parte da tese de doutorado intitulada: *Narradores do sensível: um estudo sobre o imaginário e a cegueira*, que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

O contato das pessoas cegas com a arte visual

A leitura de autobiografias foi um recurso que empreendi nesse trajeto que venho percorrendo na busca de compreender um pouco mais sobre a cegueira. Foi procurando esse tipo de literatura que me deparei com o texto *O Belo e o Estético não são Visuais* de Marcos Antônio Queiroz. Dentre os diversos relatos da sua experiência destaco o contato com as artes visuais:

Realmente, o belo e o estético não são só visuais. Para nós cegos, então, não são nada visuais. O Belo é sonoro, como na Quinta de Beethoven, quando penso ser a morte a bater na porta. Mas, seria a morte bonita? Há beleza nos dramas, lirismo no som. A beleza também é física. Afinal, o que seria da humanidade e das mulheres se os homens só as vissem? Por isso me emocionei tanto quando toquei em obras de arte na Pinacoteca de São Paulo. Como pensei que nunca mais veria esculturas e artes plásticas, que nunca mais essas artes fariam parte da minha vida, senti um nó na garganta quando toquei esculturas e telas, porque passei a "ver" o que já não tinha jeito. Consegue imaginar como achei tudo enormemente lindo? (Queiroz, 2010, sem paginação).

Segundo Merleau-Ponty (1989:53) a pintura celebra o visível, “ver é ter à distância”, é manter-se longe da obra de arte, é percorrê-la apenas com o olhar. O toque é permitido ao pintor no fazer da produção artística, a mão participa do fazer, e é proibida na contemplação. Essa distância física entre o observador e o objeto é uma característica de um tipo de arte, pois na arte contemporânea existem obras, performances e instalações com as quais podemos interagir, como é o caso dos trabalhos de Hélio Oiticica e Lúcia Clark.

Para Eco, “a arte grega e ocidental em geral privilegia a justa distância da obra, com a qual não se entra em contato direto, ao contrário de certas formas artísticas orientais [por exemplo] uma escultura japonesa deve ser tocada” (Eco, 2004:57). Essa distância entre a obra e o observador permeia as múltiplas expressões da arte plástica, e é um dos empecilhos para a interação com pessoas cegas. A narrativa de Marcos

Queiroz nos mostra outra possibilidade de contato com a obra de arte, da emoção do encontro com algo que pensava ter perdido, a capacidade de contemplar uma pintura, que foi resgatada pela proximidade, pelo toque. Isto porque, não é unicamente o olho que percorre os traços da imagem, para Bachelard (1985:53), “a mão desperta as forças prodigiosas da matéria”, é potência do gosto, do prazer e da imaginação.

No Brasil são poucos os lugares que promovem exposições acessíveis para pessoas cegas, mas já é possível encontrar nos Museus: da Bíblia em Barueri, de Ciências Morfológicas da UFMG e da Fundação Dorina Nowill; na Pinacoteca de São Paulo e no Espaço Cultural Contemporâneo, também em São Paulo². No Recife, segundo os interlocutores de pesquisa, não há locais que disponibilizem esse tipo de exposição; exceto o Museu Ricardo Brennand, segundo Isabel, 42 anos, que perdeu a visão gradativamente em consequência da catarata congênita, atualmente só diferencia claro e escuro.

Fomos uma vez lá no Museu Ricardo Brennand, eles deixam tocar em algumas estátuas, mas não são todas e tem que ter uma pessoa do museu nos acompanhando. Toquei em algumas esculturas, também tinha uma sala com personagens de cera, toquei no rosto, mas foi muito pouco (Isabel).

Pensar sobre acessibilidade nas artes plásticas não é simplesmente permitir a aproximação e o toque nas peças, é também possibilitar a informação em linguagem acessível, disponibilizando legendas e material informativo em *Braille*, áudio descrição, etc. Isto porque, como observa o professor Francisco Lima: “a arte é importante para as pessoas, e pessoas com deficiência, são pessoas”.

Desse modo, não é a cegueira que impede o contato com a obra de arte, são os hábitos e conceitos construídos na cultura que ainda se encontram alicerçados na supremacia do visual. Isto não quer dizer que todas as galerias de arte tenham que possibilitar o toque numa pintura, a aproximação com a obra também pode ser oferecida pela descrição em linguagem acessível. Segundo notícia do site *Deutsche Welle*, daqui a

² Outras iniciativas estão sendo realizadas com o propósito de viabilizar a acessibilidade da pessoa cega à exposição de arte, a exemplo do evento Ancestralidade no Universo realizado em Niterói, que disponibilizou mapa tátil, sistema háptico e áudio descrição. E também a Mostra A Contemplação do mundo que aconteceu em paralelo com a Bienal de Arte. Em sua 5ª edição, “é formada por 82 obras de arte de artistas plásticos nos galpões do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob curadoria de Paulo Reis. Com educadores treinados para que possam receber qualquer tipo de público, possibilidade de tocar a maioria das obras de arte, descrição das peças e espaço para deixar o cão guia, Paralela 2010 apresenta-se de maneira acessível, respeitando o desenho universal”: (<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=13556&canal=ligado>). Acesso em 26/11/2010.

algum tempo não será apenas o tato que possibilitará o encontro da pessoa cega com o objeto de arte. “Um estudante alemão tem um projeto para criar obras que possam ser percebidas pelo olfato. Se o projeto se concretizar, todos os sentidos humanos serão solicitados frente a uma obra artística.”³

Segundo Serres (2001:171), “o olfato parece o sentido do singular [...] o perfume atesta o específico, é mensageiro do prazer ou da repugnância.” De acordo com Isabel: Pelo cheiro sei o que é bonito ou feio, o bonito é cheiroso, o feio é o que não cheira bem.

Desse modo, o objeto do gosto se distingue por meio das sensações que provoca no indivíduo, “a própria sensibilidade estética também ultrapassa o domínio das formas visuais e abre-se aos odores, [...] às formas sonoras (ritmos, música, canto) e à expressão corporal” (Morin, 1999:102). A beleza não é uma exclusividade da visão, ela invade os sentidos do corpo e provoca sensações de arrebatamento, de prazer. Assim, a arte também se encontra no invisível, seja por meio da música, dos aromas, seja pela imaginação do espectador.

Calcada na ideia de uma arte do visível e do invisível durante o trabalho de campo, facilitei uma oficina de fotografia para pessoas cegas. Não tinha o objetivo de formar fotógrafos, mas proporcionar um espaço de diálogo onde pudéssemos falar sobre as imagens que pessoas cegas forjam sobre os objetos, os lugares e as pessoas; a fotografia serviu como estímulo. É importante ressaltar que o uso de uma câmera fotográfica por deficientes visuais não é uma novidade. As obras de Evgen Bavar, também chamado de fotógrafo cego, são conhecidas mundialmente. Também o SENAC – São Paulo já promoveu a “sala dos sentidos”, um curso de fotografia para deficientes visuais.

“*Oficina do Sensível*” foi o nome que atribuí aos nossos encontros, que aconteceram uma vez por semana. Os participantes foram: Antônio, que tem apenas 5% da visão; Edson, cego congênito; e Sílvia, que apenas diferencia claro e escuro. As atividades foram organizadas em dois momentos. O primeiro ocorreu numa sala onde discutimos sobre a origem da fotografia, a necessidade de identificar a posição da luz e

³ Para saber mais visitar: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,445603,00.html>. Acesso em 26/11/2010.

o manuseio de uma máquina fotográfica digital. No segundo foi privilegiado o uso da câmera e passamos a nos encontrar em diferentes locais do Recife⁴.

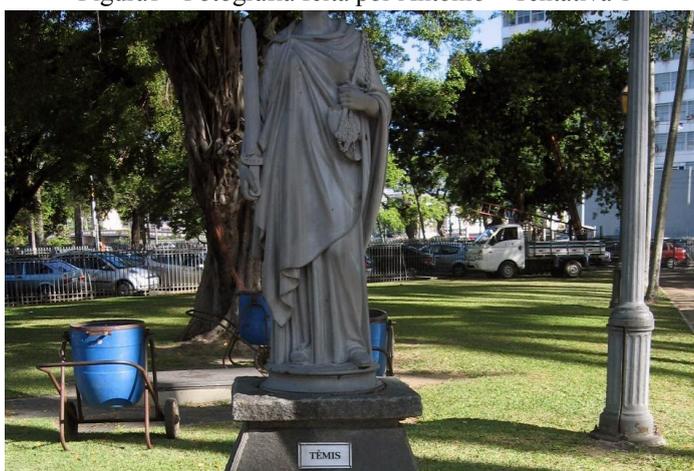
Os participantes escolhiam o que queriam fotografar. Para viabilizar seus desejos, eu descrevia o espaço e os objetos e, quando possível, usavam o tato para reconhecê-los. Em seguida, eu media a distância calculando quantos passos eles deveriam dar para se afastarem do objeto, e em que local do corpo deveriam apoiar a máquina. O som também era um indicativo para a captação da imagem, principalmente quando iam fazer um *protrait*. Além do tocar na pessoa que seria fotografada, para perceberem a altura, eles pediam que o modelo falasse ou fizesse algum barulho, pois diziam que a sonoridade ajudava na medição da distância.

Também era preciso identificar a posição da luminosidade. Decidimos que se estivéssemos num local fechado eles deveriam se informar sobre a localização de janelas e portas; se estavam abertas, e onde ficavam as luzes. No espaço aberto, dependendo da hora, era necessário identificar a posição do sol. De acordo com Edson:

Mesmo sem ver a luz não tem problema, se a janela ou a porta estão abertas sei que é melhor ficar de costa para elas, e se for na praça eu sinto o calor do sol e qualquer coisa também posso perguntar se estou de frente ou de costas para a luz, porque aprendi que na fotografia isso influencia.

No início não foi fácil fazer o enquadramento correto, as imagens saíam pela metade, ligeiramente tortas; mas com o passar do tempo e a repetição do exercício, a dificuldade foi diminuindo e boas fotos foram surgindo no ecrã da máquina.

Figura1 - Fotografia feita por Antônio – Tentativa 1



Descrição da imagem: fotografia de uma estátua de cor cinza da deusa Têmis, localizada na Praça da República em Recife-PE. A imagem mostra o corpo da estátua sem a cabeça. O corpo está vestido com

⁴ Praça da República, Parque Treze de Maio, Praça do Derby, Casa da Cultura e o Instituto Ricardo Brennand.

uma túnica de comprimento que começa nos ombros e vai até os pés. Na mão direita encontra-se uma espada na posição vertical para cima apoiada no corpo e a mão direita encosta no corpo e abraça uma balança que simboliza a justiça. Fim da Descrição.

Figura 2 - Fotografia feita por Antônio -Tentativa 3



Descrição da imagem: fotografia de uma estátua da deusa Têmis apoiada em uma base de concreto de aproximadamente 50 centímetros. A estátua está localizada na Praça da República em Recife-PE. A estátua é de cor cinza, de corpo inteiro, vestindo uma túnica de comprimento que começa nos ombros e vai até os pés. Na mão esquerda encontra-se uma espada na posição vertical para cima e a mão direita encosta no corpo e abraça uma balança que simboliza a justiça. A estátua tem um rosto com traços afilados e com cabelo curto. Fim da Descrição.

Figura 3 - Fotografia feita por Edson – Tentativa 1



Descrição da imagem: fotografia de uma estátua de bronze na cor cinza. A imagem mostra metade do corpo do pombo e o outro com o corpo completo. Os pombos se encontram com os pés pousados na borda de uma tigela com as cabeças encostadas e os bicos dentro da tigela, como se estivessem se alimentando ou bebendo água. Essa estátua está localizada na Praça da República no Centro do Recife-PE. Fim da Descrição.

Figura 4 - Fotografia feita por Edson – Tentativa 4



Descrição da Imagem: fotografia de uma estátua de bronze na cor cinza. A imagem mostra dois pombos de corpos completos. Os pombos se encontram com os pés pousados na borda de uma tigela com as cabeças encostadas e os bicos dentro da tigela, como se estivessem se alimentando ou bebendo água. Essa estátua está localizada na Praça da República no Centro do Recife-PE. Fim da Descrição.

Figura 5 – Fotografia feita por Silvia - Tentativa 1



Descrição da Imagem: Fotografia de uma janela aberta em uma parede de cor branca. A foto foi feita do lado de fora da edificação. Na imagem a janela está inclinada para o lado esquerdo. O centro da janela apresenta uma imagem desfocada. Fim da Descrição

Figura 6 – Fotografia feita por Silvia - Tentativa 2



Descrição da Imagem: Fotografia de uma janela em uma parede de cor branca. A foto foi feita do lado de fora da edificação. Na imagem a janela é corredeira para o lado esquerdo, de vidro com contornos de madeira na cor marrom. O lado de dentro da janela apresenta uma imagem desfocada. Fim da Descrição.

Não deixa de ser curioso o fato da pessoa querer produzir algo que não ver e nem pode sentir pelo tato, que tem acesso apenas pela descrição. Mas de acordo com Edson:

Dentro da minha cabeça existe um jeito de guardar a imagem, pela imaginação. Mesmo sendo cego eu posso fazer isso, por exemplo, eu toco em um carro e percebo como ele é. Eu vou fazer uma imagem dele na minha cabeça. Assim, com a fotografia posso fazer o mesmo, guardar a imagem, só que poderei mostrar para outras pessoas. Quero fazer isso porque gosto de viajar e assim vou mostrar o que aconteceu e o lugar onde estive.

Já Sílvia:

Em casa, quando o pessoal está tirando foto e quando quer tirar uma foto todos eles juntos e não podem, aí dizem, vai Sílvia. Aí coloca o celular na

posição, aí bato. A Fotografia é o momento que se guarda, é tudo um momento. É bom aprender.

E Antônio:

Fotografia para mim é memória – disse Antônio - é bom guardar as fotos de parentes, dos lugares por onde a gente anda, por onde a gente viaja. Lá no Sertão onde eu nasci tem o costume de tempos em tempos, quando a família se reúne, de olhar os álbuns e a gente ri porque fica vendo que fulano mudou, sicrano ficou gordo e assim vai. Eu não vejo mais uma foto, mas acho importante fotografar porque posso guardar a lembrança para os outros. Meu filho, por exemplo, todo mês gosto de tirar uma foto dele para ele ver quando estiver grande como ele foi. Aprender a fazer uma fotografia agora, depois que perdi a visão, é bom porque guardo a memória e quando quero lembrar, mesmo sem ver, alguém diz como ele era para mim.

A fotografia congela a seta do tempo. O que ela “reproduz ao infinito só ocorre uma única vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, 2015:12) e proporciona narrativas emocionais. É uma espécie de arquivo da cultura, pois abrange a vida de forma mais ampla. Aflora a sensibilidade, é lembrança de quem passa e deixa sua imagem, ou *souvenir* para os viajantes. Edson, Sílvia e Antônio ressaltam o valor de guardar o momento para lembrá-lo em tempos posteriores, mostrar aos outros as experiências vividas, quer sejam numa viagem, ou nas celebrações da vida, junto à família e os amigos.

De acordo com Merleau-Ponty (1989:69), a fotografia “mantém abertos os instantes que a arrancada do tempo logo torna a fechar”, mostra um momento no presente e logo se transforma naquilo que foi; enche o cotidiano de imagens que retratam: a estética da moda, a violência da guerra, o dia-a-dia da cultura; é expressão da arte. Transforma o tempo em narrativas visuais.

Os avanços tecnológicos das últimas décadas tornaram a fotografia mais acessível. Acoplada ao telefone celular, possibilita que uma boa parte da população transite diariamente pelas ruas da cidade com uma câmera fotográfica no bolso. A pessoa cega não está ausente desse movimento de difusão da imagem fotográfica, tem acesso a ele por meio da descrição, não se exime de usar o seu celular e captar imagens. Segundo Edson:

Não é porque se é cego que não se pode ter ou fazer as coisas. Desde que ganhei meu celular fico fazendo fotos com ele. É claro que eu sei que nunca vou dirigir um carro, mas se um dia tiver um jeito eu quero aproveitar e tentar, com a fotografia é o mesmo, se posso experimentar, por que não? As imagens que faço das coisas na minha cabeça são um tipo de fotografia para mim, que fica na minha cabeça e os outros não podem ver.

Para Edson, a fotografia cria novas oportunidades de comunicação com os outros e de enfrentamento dos limites da cegueira. É também o que afirma Bavcar ao considerar que o mundo não é dividido entre cegos e não cegos, “a fotografia não é exclusividade de quem pode enxergar. Nós também construímos imagens interiores” (Bavcar, 2003:23).

Durante a “Oficina do Sensível” contei a história da fotografia, expliquei o funcionamento da máquina, ensinei a distância em relação ao objeto, ajudei-os a contar os passos que deveriam dar, descrevi imagens, mas o tempo todo algo me escapava, algo que só me era possível contemplar: vê-los sentir com os sentidos o que queriam registrar. Faziam o reconhecimento do lugar, tocavam o objeto, lentamente se afastavam; parados, acolhiam a máquina em seu corpo, procurando o melhor jeito de direcioná-la. A impressão que tinha era a de que diante do silêncio dos objetos, no momento da fotografia, Antônio, Edson e Sílvia pareciam ouvir uma sonoridade não disponível aos meus ouvidos.

Mesmo empreendendo um grande esforço para entender como a pessoa cega usa os sentidos, o meu aprendizado é apenas uma aproximação porque, de acordo com Maturana e Varela (2001:22), “toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, enraizado na sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual”

Como um fenômeno individual, cada sujeito percebe as coisas ao seu redor de modo particular, na relação entre seu aparato biológico e o desenvolvimento das suas habilidades. Cada ser humano é único e múltiplo, faz escolhas, descobre novas capacidades; no entanto, de acordo com Antônio, em nossa sociedade há uma certa tendência para generalizar ou classificar as pessoas por seus atributos, por isso pessoas cegas são percebidas de um mesmo modo; há, portanto, um desconhecimento a respeito do que os diferencia:

Tem gente que acha que todo cego é igual, mas isso é um engano, cada um tem um jeito de perceber, de diferenciar as coisas. De gostar ou desgostar, de achar bonito ou feio, de querer aprender a fotografar ou não. Não é porque a pessoa é cega que tem que ser tratada do mesmo jeito (Antônio).

Adriano, 35 anos de idade, que há mais ou menos 12 anos deixou de enxergar, hoje é cego total, considera: “Tem gente que aprende música com facilidade, outros não,

que gosta de dançar, outros já gostam de ficar parado. Eu sou um cara versátil, faço teatro e gosto de dançar.”

As observações de Antônio e Adriano enaltecem a subjetividade do gosto, das diferenças entre os indivíduos que não se estabelecem pelo tipo de deficiência, mas pela condição individual inerente a qualquer ser humano, que seleciona o que lhe agrada. Para Montesquieu o gosto é uma “vantagem em se descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar às pessoas.” (Montesquieu, 2005:12), é subjetivo e singular.

Desse modo, ao ampliar as oportunidades de acesso de pessoas cegas às expressões da arte (oficinas, cursos, exposições), como diz Adriano, a sociedade lhes possibilita novas experiências e escolhas. Ele, Isabel e Marluce⁵ destacam a preferência em participar de aulas de teatro e dança; essas duas expressões artísticas ajuda-os a recomeçar a vida depois que perderam a capacidade visual. De acordo com Isabel:

Eu gosto de cantar, estudo música, teclado, fazia parte também de uma banda, mas saí. Antes de ficar cega eu já cantava, assim em eventos na igreja, em um casamento, agora o teatro foi depois que eu vim pra cá, depois da perda da visão. A arte ajuda porque quando eu perdi a visão eu tive que me adaptar a outro sistema de vida, como no caso da leitura e aprender a andar, e a arte ajuda bastante no momento de se expressar, porque eu mesmo aprendi a ser mais espontânea. O fato de não ver quem está me assistindo não me incomoda.

Para Adriano:

A arte é importante para nós, eu já tive uma professora de dança que dizia que a dança é importante porque ajuda a gente a se locomover, a ter a noção do espaço e poder usar a bengala mais facilmente, com melhor orientação.

E Marluce:

O teatro na realidade ajuda muito a pessoa, a pessoa se sente mais segura, tira mais a sua timidez, muito embora eu nunca fui tímida não, desde pequena que eu sou muito de falar, de me apresentar em qualquer lugar, a minha dificuldade. Eu também danço muito, eu danço muito solta e a gente que dança muito solta não sente dificuldade de

⁵ Marluce, 54 anos, foi perdendo a visão gradativamente, devido à retinopatia diabética. Atualmente distingue claro e escuro e sombras.

mexer com o corpo, eu faço dança desde os doze anos e isso me ajuda a me locomover sem enxergar.

Para além da contemplação, a arte é também trabalho educativo e desperta a criatividade, contribui para o desenvolvimento intelectual e auxilia na descoberta do gosto. Segundo Rosa Iavelberg, “a educação em arte ganha crescente importância quando se pensa na formação necessária para uma adequada inclusão social, cultural e profissional” (Iavelberg, 2010:2). Neste sentido, as aulas de teatro e de dança, de acordo com as narrativas de Isabel, Adriano e Marluce proporcionam a descoberta de novas habilidades, auxiliam o uso da bengala, a exploração do espaço, a comunicação e a socialização.

Os olhos das pessoas cegas são áreas de silêncio, por isso a capacidade de ver não se encontra no órgão da visão, mas nos demais sentidos do corpo que informam as coisas e os seres numa interface com a linguagem e a imaginação. Como diz Rosa⁶: “nós (cegos) vivemos igual a quando você ler um livro, você vai imaginando as coisas da forma que está sendo descrita, na cegueira tudo é muito sutil, porque o nosso mundo é imaginário, e imaginário para a gente é real.”

A relação de Rosa com as coisas do mundo vai sendo tecida pelas imagens que vão se formando como se ela estivesse lendo um livro, transformando o que não ver em imagens particulares. Para Bachelard (2001:5), “a expressão literária tem vida autônoma [...] a imaginação literária não é uma imaginação de segunda posição, vindo depois das imagens visuais registradas pela percepção.” A imaginação é criadora e individual, por isso, quando leio um texto, as imagens que faço divergem das que foram imaginadas por outra pessoa que leu a mesma obra. É comum também acontecer com livros que foram adaptados para o cinema; nem sempre o roteiro, o cenário, o figurino e os atores correspondem às imagens criadas por quem, anteriormente leu o texto.

A interação do indivíduo com o ambiente, utilizando os instrumentos que lhe são disponíveis possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e isso ocorre tanto com um normovisual quanto com o indivíduo que perdeu alguma capacidade perceptiva. Uma pessoa que não sofreu dano cerebral se diversifica de outra pelos estímulos que recebe durante a sua formação. Um músico, por exemplo, devido ao

⁶ Rosa apenas diferencia claro e escuro.

constante treinamento, pode apresentar uma acuidade auditiva maior do que alguém que não possui a mesma experiência.

É comum afirmar que pessoas cegas mostram aumento de acuidade dos sentidos remanescentes (tato, olfato, audição e cinestesia) o que reitera as ideias de Edgar Morin (1999) a respeito da capacidade humana de auto-organizar-se.

O tato, de acordo com Michel Serres, é o sentido mais privilegiado, não se concentra apenas em nossos dedos, mas se espalha por todo o corpo, através da pele que é o véu que nos reveste. Ele pode acessar o objeto sem vê-lo, apenas tocando-o, ao mesmo tempo em que convida o corpo a sentir o rugoso, o liso, a profundidade das formas, o contorno, etc. Cada coisa provoca um sentimento e desperta a percepção. A experiência tátil compreende as sutilezas dos elementos concretos, da brisa que acaricia a pele. Sonoro é o efeito produzido no encontro da água com o vento.

A capacidade de cada sentido é ilimitada e por vezes uns prevalecem sobre os outros, como Hermes que mata Argos utilizando a música que sai da flauta de Pã. O poder de Argos vem da visão, dos seus múltiplos olhos que tudo vigia; mesmo quando dorme, metade deles fica aberta. Mas Hermes usa de sua astúcia e empreende a luta da visão contra a audição, com uma melodia que sai da flauta dá fim a vigília, e os cem olhos adormecem, podendo se aproximar e matar o gigante, cumprindo, enfim, a ordem de Zeus. (Serres, 2001:41). O som mostra, assim, um poder invisível. O cheiro, o sabor e a temperatura também são elementos que provocam sensações que, tal como o som, fazem parte do invisível

Desde que comecei a pesquisar sobre a tiflose, e, por conseguinte, sobre a visão, tenho encontrado argumentos que abordam o visível para além do funcionamento dos olhos ou de todo o aparato cerebral que os envolve. Quanto ao invisível, autores como Carlos Castañeda relaciona-o à clarividência, à visão interior, à imaginação, aos significados, etc. As experiências vividas por Castañeda (2009) junto a Dom Juan, índio *yaqui*, habitante de Sonora, cidade do oeste mexicano, confirmam tais relações.

Segundo os ensinamentos do índio *yaqui*, a capacidade de usar a visão não indica que o indivíduo saiba ver. Neste caso, ele apenas olha. Olhar e ver se constituem em diferentes percepções. Enquanto o primeiro diz respeito apenas à forma que nos habituamos a perceber as coisas ao nosso redor, o segundo vai mais além, e exige que o homem penetre na essência das coisas. Para ver, é preciso ultrapassar a racionalidade e

deixar-se invadir pela sensibilidade e intuição. Segundo Castañeda é o invisível que permite perceber as sensações que envolvem o som, o movimento, o cheiro e a visão, tal percepção transpõe o homem para outras possibilidades de acessar as informações, e construir outras interações com a arte numa constante relação entre o visível e o invisível.

A arte nas suas mais diversas expressões, independente do aparato biológico que o ser humano dispõe, provoca sensações, arrebatamentos; instiga a imaginação, possibilitando a formação de imagens; amplia a cognição, desencadeia novos significados para a existência. Influencia o gosto e problematiza a noção estética. Cabe observar que a nossa cultura ainda não se acostumou com as diferentes maneiras que o ser humano desenvolve para apreensão das coisas do mundo. Há certa tendência em privilegiar um tipo de modelo, a exemplo da primazia visual nas relações do cotidiano, a qual muitas vezes dificultam a interação das pessoas cegas em teatros, cinemas, exposições, etc. Ao predominar o uso dos signos acessíveis apenas aos olhos, pouco se explora as outras possibilidades que envolvem os diferentes sentidos tais como: o tato, o olfato, a cinestesia, etc., os quais ampliam a experiência humana no diálogo com as diversas expressões da arte e nas práticas do cotidiano.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo. DIFEL. 1985.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo. Martins Fontes. 1997.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 200.
- BARTHES, Roland. *A câmera clara*. Lisboa. 13ª ed. Edições 70. 2015.
- BAVCAR, Evgen. *Memórias do Brasil*. São Paulo. Cosac & Naify. 2003.
- CASTAÑEDA, Carlos. *Uma estranha realidade*. 16ª ed. Rio de Janeiro. Nova Era. 2009.
- DUARTE, Eduardo. *O fenômeno antropológico da experiência estética*. Texto mineo. Recife. UFPE. 2008.
- ECO, Humberto (org). *História da beleza*. Rio de Janeiro. Record. 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo. Moderna. 2010.
- IAVELBERG, Rosa. *O ensino da arte*. Disponível em http://www.projetopresente.com.br/revista/rev6_ensino_arte.pdf. Acesso em: 20 nov. 2010.
- KELLER, Helen. *A história da minha vida*. Rio de Janeiro. José Olympo. 2008.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo. Palas Athena. 2001.
- MARTINEZ-CONDE, Suzana; MACKNIK. Janelas da mente. In *Revista Scientific American*. Brasil. Nº 64. p. 40-47. 2007.
- MEDEIROS, Maria Beatriz. *Aisthesis: estética, educação e comunidades*. Chapecó. Argos. 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados*. Coleção Os Pensadores. São Paulo. Nova Cultural. 1989.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Perspectiva. 2007.
- MONTESQUIEU, Charles de Secondat Baron de. *O gosto*. São Paulo. Iluminuras. 2005.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Portugal. Europa-America. 1999.

QUEIROZ, Marcos. *O belo e o estético não são só visuais*. Disponível em www.bengalalegal.com/obelo.php. Acesso em: 30 out. 2010.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001.